



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – UFES
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CAROLINE DANIELA RÖRIG

MASHA: UMA MENINA TIRANA?

CHAPECÓ
2023

CAROLINE DANIELA RÖRIG

MASHA: UMA MENINA TIRANA?

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia

Orientador/a: Noeli Gemelli Reali

**CHAPECÓ
2023**

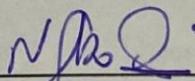
CAROLINE DANIELA RÖRIG

MASHA UMA MENINA TIRANA?

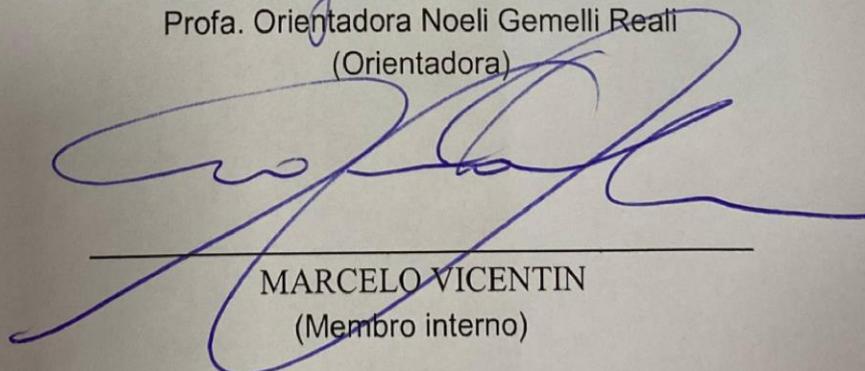
Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Este trabalho de conclusão de curso foi definido e aprovado pela banca em:
28/02/2023

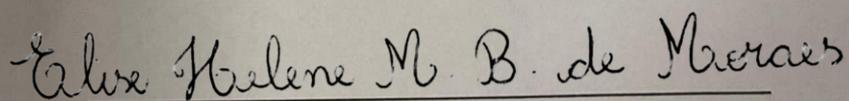
BANCA EXAMINADORA



Profa. Orientadora Noeli Gemelli Reati
(Orientadora)



MARCELO VICENTIN
(Membro interno)



ELISE HELENE MOUTINHO BERNARDO DE MORAES
(Membro externo)

RESUMO

A relação entre o cinema e a educação trazem importantes discussões sobre o tema. Como o surgimento do cinema como ferramenta pedagógica, a Lei 13.006/14 e o cinema e as práticas docentes na educação infantil. O presente estudo centra-se na análise do desenho de animação *Masha e o Urso*, trazendo discussões sobre o papel da família na infância, análise de cores na animação e o brincar, trazendo as subjetividades infantis evidenciadas pela animação.

Palavras-chave: Cinema. Educação. *Masha e o urso*. Subjetividades infantins.

INTRODUÇÃO

Estudos têm apontado que a relação entre cinema e educação são importantes quer aos docentes quer aos estudantes de todos os níveis para ampliarem seus conhecimentos sobre o modo de viver de diferentes culturas, sobre os sofrimentos e alegrias das pessoas bem como problematizá-los ou simplesmente admirá-los.

O cinema constitui-se numa experiência que afeta de forma profunda práticas culturais de diferentes povos mostrando sua inteireza. Na Educação Infantil o cinema é utilizado de várias formas pedagógicas. Por vezes, o cinema nas escolas tem sido usado apenas como forma de um entretenimento, para “distrair” as crianças, com exposições seja de curta ou longas metragem. Muitas crianças têm acesso a esses mesmo filmes em sua casa, isto é, não raras vezes filmes são adquiridos pelos familiares e assistidos inúmeras vezes.

A função da escola, por sua vez, é promover um debate crítico sobre o conteúdo fílmico bem como desenvolver uma sensibilidade sobre a arte, a vida, a cultura, aos sofrimentos e alegrias humanas. Ensinar por meio de filmes é ir além da transferência de conhecimento. Utilizar o filme na sala de aula exige rigor metodológico, pesquisa, respeito pelos contextos e as linguagens que deverão ser trabalhadas para a construção dos saberes dos educandos. Ensinar com o cinema exige criticidade, curiosidade como uma inquietação indagadora, exige coerência entre a história do filme e as suas expectativas, inclusive, a aceitação ou rejeição que acontece pela intermediação.

Ao estudar a utilização e a função do cinema na escola, nos deparamos com a Lei 13.006. Ela é uma lei complementar da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional e trata sobre a obrigatoriedade exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica.

Em um dos artigos do livro *Cinema e educação: a lei 13.006 Reflexões, perspectivas e propostas*, as pesquisadoras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Maria da Conceição Silva Soares, Mailsa Carla Pinto Passos, Nilda Alves e Rita Ribes Pereira explicam que (2015, p. 70)

[...], as relações entre infância e cinema historicamente vêm sendo atravessadas por uma lógica de consumo ditada pelas grandes empresas estrangeiras de entretenimento em torno a histórias e personagens massificados, cuja produção é escoada em outros flancos de mercado que se replicam ubiquamente em assinaturas de fama, estampas em materiais

escolares e vestuários, em temas para festas de aniversário. Insistem em povoar de clichês o imaginário, se oferecendo às crianças como espelho para a construção de identidades, a despeito da diversidade cultural que caracteriza as crianças brasileiras. Mais que isso, pretendem colonizar o que seja o “cinema para crianças”. E, via de regra, são essas referências, já naturalizadas, que, com facilidade, estão presentes nas escolas de educação infantil.

Muitos dos filmes usados na escola estão no circuito comercial e geralmente são de grandes corporações internacionais, como os filmes da *Disney*, que por sua vez as crianças têm acesso fácil, em televisores, em computadores, tablets e smartphones em diversos aplicativos de reprodução de filmes e desenhos como *YouTube* e *Netflix*.

Estudos mostram que tais filmes pouco ou quase nada remetem ao universo literário e cultural das crianças brasileiras, como no caso da Narrativa *Masha e o Urso* ao qual será a temática central desse trabalho. A animação, trata de uma menina travessa que se aventura em vários episódios perigosos com seu amigo Urso.

Ponto de partida do meu trabalho tem a análise da animação “*Masha e o Urso*”, ao qual foi observado diversas vezes sendo utilizado por professoras no período que realizei estágio de educação infantil que foi executado no segundo semestre do ano de 2018, ao qual me instigou pesquisar sobre o mesmo. Foi observado a utilização de diversos filmes como *Peppa Pig*, *Froozen* e até mesmo histórias clássicas como os *Três porquinhos*. Antes do início do estágio *Masha e Urso* era uma animação desconhecida e algumas cenas me surpreenderam. Então comecei me questionar se era possível aquelas narrativas estarem sendo apresentadas a crianças pequenas no ambiente escolar. Assim consideramos que o currículo da animação investigada constrói subjetividades infantis por meio da apresentação de um modelo de infância onde a criança é o centro da narrativa.

Investigo, assim, possíveis modos de subjetivação usados nessa narrativa infantil, procurando mostrar como a infância é nela apresentada, de que maneira as crianças estão sendo empregadas com base nas referências e o que se tem ensinado sobre a infância por meio desse discurso e o porquê dela ser utilizada em sala de aula.

Tomando por base a relação cinema e educação, enquanto estudante de Pedagogia, tratarei nesse artigo alguns aspectos de *Masha e o Urso* usado em salas de aula como ferramenta pedagógica e sua relação com a subjetividade.

A série *Masha e o Urso*, foi lançada em 2009 pelo criador Oleg Kuzukov. É uma série de desenho animado russo, em animação computadorizada produzida pela *Animaccord Studios* centrada nas aventuras de uma menina chamada *Masha* e de um urso que é um artista de circo aposentado.

Selecionei três categorias de análise para apresentar meus argumentos sobre a força dessa narrativa na construção da subjetividade infantil. São elas: as como personagem, a questão da ausência de família e a questão do brincar e comportamento da menina *Masha*.

O presente trabalho faz uma análise qualitativa/descritiva das cenas da animação *Masha e o urso*, com o método de análise em imagens e discurso, como destaca ROCHA; DEUSDARA

o surgimento da Análise do Discurso se caracteriza não só por uma reorientação teórica da relação entre o lingüístico e o extralingüístico, como também por uma mudança da postura do observador em face do objeto de pesquisa. A linguagem, de um ponto de vista discursivo, não pode apenas representar algo já dado, sendo parte de uma construção social que rompe com a ilusão de naturalidade entre os limites do lingüístico e os do extralingüístico. (2006, p. 318 a 319)

A análise buscou evidenciar o primeiro episódio da primeira temporada que tem a totalidade de 22 minutos. A primeira temporada transcrevi numa ficha/arquivo. A seguir procurei categorizar aspectos relevantes da animação com foco nos aspectos que poderiam ser significativos na questão da produção da subjetividade infantil. Dito de outro modo, que pontos da narrativa poderiam impactar na formação de alguns conceitos e práticas na vida das crianças. Os episódios como um todo e, em específico, as cenas, as dores, fragmentos e duração (em minutos), os cenários, personagens e seus papéis no enredo foram cuidadosamente analisados.

1. O CINEMA NA ESCOLA É MAIS ANTIGO DO QUE SE PENSA

O cinema caracteriza-se como uma manifestação estética que surgiu por volta de 1895 pelos irmãos Auguste e Louis Lumière, tinha um caráter documental, mostrando cenas do cotidiano, o que, contudo, não retirou sua potência em afetar as pessoas, pelo contrário, se transformou em marco do nascimento da assim chamada sétima arte. Desde o surgimento e invenção do cinema, ele sempre envolveu, impressionou, divertiu e provocou. É um artefato cultural que ao mesmo tempo é arte e entretenimento que manifesta como uma prática social que expressa ideologias e

valores de seu tempo. Indiferente do seu gênero ele atrai diversos públicos de diferentes idades e meios sociais.

Com o desenvolvimento tecnológico e descobrimento da fotografia, surge o cinema como uma indústria de entretenimento. Entretanto, com o tempo verificou-se sua efetividade enquanto objeto cultural e também um suporte educacional. Entre os recursos didáticos o cinema pode ser um grande aliado dos professores com um auxiliar no processo ensino-aprendizagem. O uso de mídias cinematográficas em sala de aula pode servir de suporte ao professor para trabalhar vários conceitos, temas e significados utilizados na vida diária dos seus alunos. Assim, percebemos que o uso deste meio de comunicação pode ajudar a ampliar e avançar na formação cultural tanto do professor e quanto do aluno. A arte cinematográfica contribui para disseminar a arte e a cultura e pode exercer influência positiva nos estudantes e professores quando bem utilizadas.

Muitos dos curtas, longa metragens e documentários, são produzidos com intenção educativa. O cinema pode ser uma importante ferramenta, proporcionando o aprendizado por meio do lúdico, a fim de ampliar as metodologias e possibilidades de aprendizagem e ensino, contribuindo para o desenvolvimento intelectual do aluno, além da compreensão e assimilação dos conteúdos, de modo a motivá-lo e aproximá-lo da realidade.

Tais processos educacionais devem ser contextualizados com metodologias escolhidas pelo professor para abrir caminhos que levem o aluno a perceber um diálogo da vida escolar com a vida fora da escola, compreendendo dessa forma que as Tecnologias da Informação e Comunicação estão cada vez mais presentes no contexto social e, principalmente, no cotidiano da escola

No Brasil, como aponta Duarte (2002, p. 32)

[...] em 1896 e em 1898 já dava os primeiros passos no sentido de ter sua própria cinematografia. Entre 1908 e 1911, um grande número de curtas-metragens de atualidades, de vistas e paisagens e de longas-metragens de ficção foi realizado no país. Revistas musicais, dramas e, sobretudo, reconstituições de crimes famosos atraíam a atenção do público que lotava as salas de exibição do Rio de Janeiro.

As discussões sobre cinema e ensino no Brasil estão em pauta desde as décadas de 1920 e 1930. Com o movimento da Escola Nova, intelectuais como Fernando Azevedo, Francisco Campos, Afrânio Peixoto, Anísio Teixeira, entre outros,

já apontavam o forte potencial dos recursos audiovisuais, em especial o cinema, na educação das crianças e jovens. Jonathas Serrano e Francisco Venâncio Filho, ambos professores de História do tradicional Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, publicaram o livro *Cinema e Educação*. Eles apontavam o cinema como recurso pedagógico, postura oposta da maioria dos professores que demonstravam desinteresse ou mesmo desconfiança. Seguindo essas propostas, foi criado, em 1936, no governo Getúlio Vargas, o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), idealizado e dirigido pelo professor Edgard Roquette-Pinto (1884-1954), o Instituto foi o primeiro órgão estatal brasileiro exclusivamente voltado para o cinema, foi instituído pelo Ministério da Educação e Saúde, manteve-se ativo até 1966.

No Brasil o cinema como recurso didático somente foi oficializado em 1998, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), desde então nenhum documento fazia menção ao mesmo, mas já eram aplicados no meio escolar há algum tempo. Em 2014 foi aprovada a lei 13.006, que amplia e que revela os problemas e as fragilidades do cinema em sala de aula, como será tratado na próxima seção.

Os anos 2000 trazem o surgimento e a popularização da *internet*, com isso o cinema fica disponível gratuitamente para professores e estudantes. *Sites* como *Youtube* e *Curta na Escola* se popularizaram rapidamente pela facilidade de acesso e busca de filmes. O professor deve estar preparado para aproveitar essas oportunidades em sala de aula e fornecer elementos que permitam aos estudantes produzir conhecimentos a partir dos filmes.

Tradicionalmente, passar filmes na escola é visto como mero passatempo ou ilustração de algum conteúdo trabalhado. Ainda é usado em dias de chuva, para cobrir a ausência de professores ou como momento de lazer para os alunos. Isso se deve em parte à falta de formação nas universidades no que se refere ao papel do cinema na sociedade contemporânea e sua utilização em sala de aula ou à falta de iniciativa para transformar os filmes em objeto de estudos.

2. LEI 13.006 O QUE ISSO MUDA NA ESCOLA

Recentemente, foi inserido na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) um projeto que obriga a passar duas horas de cinema nacional ao mês nas escolas de educação básica (Lei 13006/14). Devemos discutir a importância ou o cumprimento dessa nova

norma, se não houver preparação e uma reflexão teórico-metodológica por parte de educadores, será mais uma lei que ficará só no papel.

A lei 13.006 de 26 de junho de 2014, regulariza “a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.” (BRASIL, 2014).

É uma lei importantíssima. Depois de muita luta e pressão, ela foi aprovada, mas não regulamentada, o texto da lei é breve. Uma das grandes preocupações apontada por TAFARELO; ZAROR para que de fato a lei seja aplicada de forma correta é que

O educador deve ter condições de planejar adequadamente atividades que não somente reproduzem o cotidiano dos alunos, mesmo que o valorize e respeite, mas que enriqueça as fontes de pesquisa para o aprendizado do conteúdo proposto (2014, p. 241)

Deste modo, pode-se analisar e refletir sobre a efetivação da lei, quanto a formação de professores para de fato se possa pôr a lei em prática. Como aponta os estudos de Amâncio *et all*, no artigo *Novos desafios frente à lei 13.006/14*, ela consiste em

[...] um passo, entre muitos, que pode operar mudanças e transformações no cenário educacional. Porém, essa iniciativa sozinha não resultará em mudanças de hábitos ou formação cultural, se não for cuidadosamente implementada” (2015, p. 30)

Assim, é possível observar a necessidade da consolidação das parcerias já existentes entre universidades e escolas de Educação Básica para contemplar a lacuna em relação ao preparo dos professores para trabalharem com complexa linguagem cinematográfica.

Com a aprovação da Lei 13.006/2014 a problemática do cinema nas escolas brasileiras, da formação de professores e cinema ganha novos contornos e ampla visibilidade. O cinema passa ser entendido como um elemento constituidor da subjetividade social e cultural dos docentes e dos estudantes e não apenas como um artefato inocente de entretenimento. Essa ideia provoca a pensar acerca dos sujeitos envolvidos em viver, criar produzir e problematizar construindo um espaço livre e democrático, no qual o cinema, através de diversas experiências transite como uma

oportunidade atual, responsável e criadora de outros modos de aprender e de conhecer, configurando uma nova perspectiva dos alunos de ler o mundo e oportunizar potência do imaginário.

Outro ponto importante que devemos destacar é a ausência de infraestrutura das escolas, como salas de cinema e tanto na dificuldade com equipamentos, como destaca (Deus, 2016). As escolas são escassas de salas para exibição de filmes, o que está longe do que a lei propõe, Migliorin; Fresquet no artigo “Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a Lei 13.006/14” provocam:

Imaginemos. A Lei é levada muito a sério e, para que isso aconteça, toda escola terá condições de exibir filmes com qualidade de som e imagem, com boa acústica, conforto para os espectadores, temperatura controlada etc. Sim, uma lei pode não ser nada, mas pode também ser uma revolução no ambiente escolar. (2015, p. 05)

As condições necessárias para que essa lei seja de fato implementada nas escolas Brasileiras são urgentes e, englobam muitos setores da educação.

3. CINEMA E PRÁTICAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Foi durante meu estágio de Educação Infantil do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), que a temática do cinema infantil e seu uso despertou meu interesse. Observei a forma como as animações *Masha e o Urso* bem como *Peppa* estavam sendo usada pelas professoras e fiquei intrigada.

Durante minha trajetória acadêmica participei de uma viagem de estudo ao qual participamos da 17ª Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis no ano de 2018. Sai dela deslumbrada com tudo que vi, os filmes, curta e longa metragem. Nesse evento, aprendi novas vivências, concepções, a valorização de filmes nacionais e a importância da escolha que devem contribuir sempre na construção de conhecimento promovendo sentido. O que também pode ser observado pelo olhar de CORDEIRO

tivemos a oportunidade de experimentar a 17ª Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis em junho/julho de 2018, o qual proporcionou uma gama de novos aprendizados acerca de cinema e levou, de modo especial, a conhecer a existência de um cinema infantil nacional exuberante. Ela acontece anualmente como um evento de projeção gratuita de filmes para o público infantil de relevância estadual e nacional, fazendo, assim, uma “fuga” dos movimentos

cinematográficos que retratam e produzem filmes para as crianças.
(2021 p. 10)

Vivenciar momentos como o da 17ª Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis me convenceu que é sim possível proporcionar o cinema na sala de aula com produções brasileiras e de qualidade. E não somente os filmes como da *Disney*, que tem como seu objetivo oculto transformar, por meio do comércio de seus inúmeros produtos, as crianças em consumidoras. Agindo assim, ela acaba mercantilizando a cultura infantil.

A *Disney* deve ser analisada pelos pais e professores, pois seus filmes moldam os valores das crianças. GIROUX afirma que:

é importante discutir os filmes animados da Disney sem simplesmente condená-la como uma empresa ideologicamente reacionária, promovendo, de forma mistificadora e sob o disfarce do entretenimento, uma visão conservadora do mundo; mas tampouco devemos simplesmente celebrá-la como uma fonte de alegria e felicidade para as crianças de todo o mundo. (1995, p.58)

O cinema na escola não pode mais ser visto como mero entretenimento, mas sim conforme diversos estudiosos apontam, como elemento pedagógico capaz de contribuir na construção da subjetividade infantil. E possuímos sim um vasto acervo de produções brasileiras, que trazem a realidade e a cultura que as crianças vivem.

O uso do cinema em sala de aula pode ser utilizados de formas variadas pelo docente desde que seja para promover discussões sobre o conteúdo explorado no filme, buscando sempre trazer para a realidade da criança, tornando assim este momento mais dinâmicos e atrativos, do que somente um passa tempo e distração para os pequenos, por tanto saliento a importância da utilização de filmes que remetam o que as crianças conhecem, trazendo o cinema nacional.

O cinema na escola deve estimular as crianças a desenvolverem a sensibilidade, a estética e a empatia, sobretudo, nas crianças pequenas onde o senso crítico ainda não está ativado. Em relação às condições midiáticas e a apropriarem-se desta ferramenta audiovisual, de maneira que possam expressar suas necessidades, angústias e desejos. Assim

O cinema está no universo escolar, seja porque ver filmes (na telona ou na telinha) é uma prática usual em quase todas as camadas sociais da sociedade, seja porque se ampliou, nos meios educacionais, reconhecimento de que, em ambientes urbanos, o cinema

desempenha um papel importante na formação cultural das pessoas.
(DUARTE, 2002, pág.86)

Na educação, segundo DUARTE (2002), o cinema não pode ser visto como um recurso didático, mas de formas a socialização dos indivíduos e instâncias culturais que produzem saberes. Como afirma REALI (2007 p.134) “[..] pode-se perceber que ver um filme não implica uma atividade neutra, sem nenhum efeito sobre nós”. O cinema que educa é aquele que faz pensar o próprio cinema e as variadas experiências e questões que são colocadas. Portanto, o cinema na educação é capaz de provocar a reflexão e perceber as visões de mundo. Ver filmes é uma prática social importante do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas. É tão importante quanto à leitura de outros tipos de obras e de arte.

Nas *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil* faz menção ao uso do cinema nas Práticas Pedagógicas, destacando a importância em criar experiências que

Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura (2010, p. 26)

A Educação Infantil possui suas especificidades e finalidades, tendo como principal ponto de partida o desenvolvimento integral da criança em todos os seus aspectos e, para que isto ocorra, a instituição e os docentes precisam estar ciente do seu trabalho, colocando a criança no centro do seu planejamento curricular, atendendo às necessidades das crianças.

Frente aos estudos realizados ganha destaque o papel das práticas docentes na influência no uso cinema em sala de aula na educação infantil como aponta SOLER

Todo professor tem como um papel fundamental ampliar o repertório cultural das crianças, contudo para que isso ocorra é preciso conhecer o universo cultural e social delas, para dessa forma poder contribuir com seu enriquecimento. No cotidiano da Educação Infantil nos deparamos com várias crianças, provindas de diferentes contextos culturais, constituindo-se assim num ambiente heterogêneo, mas que muitas vezes, ao olhar de alguns, pode parecer homogêneo, por estar repleto de crianças. O mesmo acontece com os profissionais, que também provêm de distintos contextos sociais, políticos e culturais. Por isso pode-se afirmar que o contexto da Educação Infantil é heterogêneo, onde somos todos diferentes, cada um com suas características individuais, sociais e culturais. (2015, p. 22)

É comum a utilização do cinema em sala de aula pelos professores como uma ferramenta de ensino conforme já dito. No livro *Cinema e educação: a lei 13.006 Reflexões, perspectivas e propostas*, vários estudos apontam que na maioria das escolas existe aparelho de televisão disponível com dispositivos de DVD tornando acessível uso de filmes em sala de aula. Entretanto poucas possuem auditórios com aparelhagens de reprodução de vídeos e retroprojetores em sala tornando a própria sala de aula uma sessão de cinema.

O filme como ferramenta de ensino/aprendizagem requer alguns cuidados do professor. Napolitano (2003, p. 19) indica algumas questões que pode-se fazer anteriormente a passagem do filme aos alunos: Qual o objetivo didático-pedagógico geral da atividade? Qual o objetivo didático-pedagógico específico do filme? O filme é adequado à faixa etária escolar do público alvo? O filme pode e deve ser exibido na íntegra ou a atividade se desenvolverá em torno de algumas cenas? O público alvo já assistiu a algum filme semelhante? É importante tomar esses cuidados, para que o filme não seja inadequado ao público que estará assistindo ou para que o mesmo não seja apenas mais um filme assistido sem sentido.

O cinema pode ser explorado desde a educação infantil. As escolas de Educação Infantil geralmente possuem seu aparelho de televisão e DVD dentro de cada sala, justamente pelo interesse das crianças em assistir, o professor deve tomar muito cuidado, além de seguir as questões mencionadas, a criança tende a acreditar em tudo que vê.

O olhar crédulo da criança tende a considerar verdadeiro e real tudo que é visto no filme, pois a noção de realidade e representação, passado e presente, narrativas ficcionais e científicas estão ainda em construção. Portanto, o professor deve estar atento aos efeitos do filme no grupo e estar preparado para lidar com o olhar infantil sobre as imagens em movimento, ao mesmo tempo respeitando e valorizando a fantasia infantil, mas sem reforçar a assimilação das explicações pseudocientíficas, da ideologia e representação fantasiosa como sinônimo de verdade. (NAPOLITANO, 2003, p. 22).

Com isto, o filme torna-se mais importante instrumento na formação cultural, social e política da criança, contudo é necessário que o estudo traga condições para criação de políticas que viabilizem a ambiência física e pedagógica na utilização do cinema em sala de aula.

4. Masha

A série é baseada em um conto de fadas do folclore russo e mostra o cotidiano de uma pequena menina travessa de três anos chamada *Masha*, que vive em uma casa em meio à uma floresta. O seu melhor amigo é um urso que vive em uma cabana na mesma floresta, o qual age como uma figura responsável e que tem que suportar as travessuras da menina. O desenho usa um estilo de comédia similar a desenhos mudos como Pingu e Bernard, embora possua poucos diálogos da personagem Masha.

Masha é apresentada no início da primeira narrativa do primeiro episódio. Ela é uma criança com mais ou menos três anos, loira, cabelos lisos com uma franja e olhos claros, veste um vestido estilo jardineira e um gorro ambos de cor rosa vibrante. Sua expressão é de uma criança muito meiga. O urso surge em poucas cenas após a menina. Ele é marrom um tanto maior do que o tamanho de um urso real, podemos observar que o ambiente que rodeia a sua casa e até mesmo dentro a sua casa é muito organizado, demonstrando assim que o urso é muito cuidadoso e organizado. O urso toma um chá calmante e após sai aparentemente para pescar. Assim, podemos observar que o urso vive como o humano tendo hábitos que não são da sua espécie.

No Brasil, a animação é transmitida pela TV Cultura, pelo SBT, pelo *Boomerang* e pelo *Cartoon Network* e tem a série completa no *youtube* e *netflix*. Na *Netflix* ela é dividida em quatro temporadas, nesta pesquisa iremos explorar o primeiro episódios da primeira temporada, cada episódio possui em média três pequenas narrativas cada. Sendo os “como eles se conheceram”, “não acordar até a primavera” e “um, dois, três! Acenda a arvore de natal”.

4.1 A COR COMO PERSONAGEM EM MASHA E O URSO

Uma das características do cinema é a linguagem não verbal e a estética da imagem. O filme requer elementos cuidadosamente selecionados para dar sentido à história.

No primeiro episódio a primeira narrativa é intitulada “como eles se conheceram”, podemos observar que é um desenho com uma paleta de cores bem colorida o que faz chamar atenção das crianças. As cores dos filmes podem criar significados e sensações como aponta Hércules (2012 p. 1012)

Uma atitude “cromofílica” no cinema, que engloba tanto a pesquisa quanto a realização cinematográfica, seria aceitar a cor como elemento integrante da narrativa e não como um dado supérfluo da imagem. A cor, por sua amplitude de articulação com elementos fílmicos ou extrafílmicos, passa além de uma orientação de leitura da imagens. (2012 p. 1012)

A paleta de cores utilizada é predominantemente quentes, em tons de lilás, rosa, azul, laranja e amarelo. Uma maneira de despertar o interesse das crianças que normalmente é associado a cores quentes e vibrantes. A cor é capaz de induzir a “estados emocionais” específicos, de acordo com Hércules.

As cores da narrativa trazem uma menina meiga, feliz e bagunceira. Sem nem ao mesmo ter falas nas cenas podemos observar o quanto os elementos da personalidade da menina é descrito, atrás de cenas com cores vibrantes. A paleta de cores pode camuflar, como apresentarei logo adiante, o caráter perverso que a menina manifesta ao longo da narrativa. Isto é, as cores alegres e intensas ajudam a passar despercebido um comportamento cruel dela com seu suposto amigo urso. As crianças podem entender que tal comportamento, envolvido em tantas cores alegres, é um comportamento legítimo, inclusive de ser seguido

a cor, por sua amplitude de articulação com elementos fílmicos ou extrafílmicos, passa além de uma orientação de leitura das imagens. Ela cria significados, sensações ou estados emocionais não descritos ou assumidos facilmente na narrativa (HÉRCULES, 2012 p. 1013)

Essa análise da formação de cada personagem, podemos afirmar que a utilização das cores específicas em cada um deles foi de extrema importância para a facilitação da interpretação de personalidade de cada um deles pelo público, levando-nos à associação, principalmente de maneira inconsciente, de sentimentos e sensações a esses personagens. Após tal apropriação, mesmos sendo feita por uma criança bem pequena, é possível observar de forma bem mais profunda e sincronizada na mensagem que a animação quer nos trazer, além de nos facilitar a associação aos sentimentos e emoções que cada personagem quer nos remeter.

Como na primeira narrativa onde *Masha* sai do ambiente rural onde é situado sua casa e vai se adentrando para floresta, ambiente muito colorido diferente de uma

floresta real, onde se tem mais o verde. Na cena onde o urso é apresentado também observamos o quanto as cores trazem a personalidade, ele é marrom um tanto maior do que o tamanho de um urso real, podemos observar que o ambiente que rodeia a sua casa e até mesmo dentro da sua casa é bem arrumado, demonstrando assim que o urso é muito cuidadoso e organizado. Cor que poder ser uma representação do adulto, isto é, uma figura mais sóbria.

4.2 ONDE ESTÁ A FAMÍLIA DE MASHA?

O único momento da narrativa que mostra a casa da menina, é no início da primeira narrativa mas em nenhum momento é mostrado sua família. Podemos notar a ausência da família no contexto da animação, salientando que a família pode ser considerada o sistema que mais influencia diretamente o desenvolvimento da criança (Minuchin, Colapinto & Minuchin, 1999).

A formação de um indivíduo está relacionada a um alguém que lhe conduza, que caminhe ao seu lado e o direcione. Um bom desenvolvimento da personalidade, do caráter, da aprendizagem, do crescimento pessoal e da construção da subjetividade, está pautado na necessidade de atributos que somente a relação no dia a dia poderão lhe fornecer juntamente de seus pais.

Em diversas cenas nas narrativas observamos o quanto o urso faz um papel de pai com a menina, como na segunda narrativa do primeiro episódio que tem como título “não acordar até a primavera”. Em um certo momento a *masha* fala que está com fome e o Urso preocupado vai a cozinha preparar algo, mas a menina em nenhum momento sossega, pode se observar que o mesmo está bem cansado até boceja, ela a todo momento fazendo travessuras. Então surge uma cena onde a menina está de frente a parede parecendo que está de “castigo” ela olha para o urso e mostra língua. Algo que nos chamou a atenção foi a forma que as travessuras da menina são tratadas pelo personagem do urso. Em nenhum momento ele conversa com a menina, resolve a situação com castigos. Assim podemos descartar essa relação entre a criança e o adulto, como uma ação ligada a uma rede de comunicações, a qual se faz estabelecer a relação interpessoal. Sendo assim, chama nossa atenção para a importância da negociação e/ ou renegociação de regras, e não ao ponto de ser posto de castigo, que às vezes o motivo pelo tal castigo nem é compreendido pela criança.

As crianças precisam desde pequenas criarem sua própria identidade, tendo seus gostos e sabendo expressar suas vontades.

Sujeitos de pouca idade sim, mas que lutam através de seus desenhos, gestos, movimentos, histórias fantásticas, danças, imaginação, falas, brincadeiras, sorrisos, caretas, choros, apegos e desapegos, e outras tantas formas de ser e expressar-se pela emancipação de sua condição de silêncio. OLIVEIRA, (2002, p. 05)

Na narrativa observamos que o urso exerce a espécie de papel e pai da menina, a maneira com que urso resolve a situação também nos faz refletir na maneira que as crianças podem estar sendo “educadas”. Também devemos pontuar a maneira como a menina se empoeira quando é contrariada, demonstra suas emoções, sendo também algo muito problemático, pois atrás das telas também temos crianças pequenas assistindo e talvez naturalizando tais atitudes. O bom desenvolvimento da personalidade não acontece do dia para a noite, envolve tempo, dedicação, paciência e exemplo, é uma construção a passos lentos. O contexto cultural é outro fator importante, visto que é impossível manter uma criança isolado do mundo, portanto, ele é peça chave na construção de sua subjetividade, ou seja, o lugar onde vive, lugares onde a família frequenta, as atitudes, vocabulário e expressões utilizadas, os objetos, os brinquedos, e tudo o que está ligado e ao alcance das crianças. Uma vez que afirma Drescher (2013, p. 115) “O que os pais fazem na própria vida é muito mais importante do que aquilo que dizem ou as limitações que estabelecem, pois, os filhos imitam os pais nos seus defeitos e qualidades”.

A família é a base que sustenta o desenvolvimento humano, incentiva a aquisição do conhecimento de si e do mundo, a saber interagir com o outro, respeitar e socializar com o outro, a desenvolver e controlar o lado emocional em meio as relações estabelecidas, enfim, ajudar a criança a organizar o seu mundo interno, direcionando-o pelo melhor caminho, fornecendo-lhe uma educação de berço de qualidade. O comportamento de um criança, de certa forma, reflete situações experimentadas no convívio familiar.

4.3 MASHA E SUAS BRINCADEIRAS

Na análise destacamos também o comportamento da *Masha*, a menina se envolve em algumas cenas as quais nos fez refletir quanto são problemáticas. Cenas como na primeira narrativa a menina sai de dentro de casa pulando dentro de um balde de alumínio o que lembra a brincadeira de corrida do saco, contudo, a cena foge da realidade, Sartori e Britto (2008) comentam que as crianças tendem a imitar personagens, se tornando uma brincadeira muito perigosa, pois as crianças podem tentar fazer a brincadeira, pois na narrativa é apresentada como algo fácil de fazer.

Também na primeira narrativa mais uma cena nos desperta a atenção ao qual *Masha* está na floresta até que encontra uma árvore de maçã, ao qual ela sobe para comer alguns frutos. Ela tenta pegar um que está no alto, acaba caindo, a cena é muito tranquila, mas se levada a realidade a menina poderia ter se machucado muito, mas ela levanta tranquilamente.

A narrativa tenta naturalizar as brincadeiras de *Masha*, na primeira etapa do desenvolvimento das crianças elas manifestam os cinco sentidos, sendo assim por meio das brincadeiras uma maneira para elas se expressarem, na fase motora, então inicia o processo de imitação, neste período elas não assumem papéis, somente a partir dos 3 anos idade que a personagem *Masha* tem é que as crianças começam assumir papéis. A brincadeira é uma atividade humana, na qual as crianças são introduzidas constituindo-se em um modo de assimilar e recriar a experiência sócio-cultural dos adultos.

A brincadeira é uma palavra associada à infância e às crianças, o faz de conta é algo decisivo no desenvolvimento das crianças, o adulto quando entra na brincadeira deve fazer de forma para problematizar ainda mais a brincadeira. A brincadeira não é algo já dado na vida do ser humano, uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de significação social que, como outras, necessitam de aprendizagem, ou seja, aprende-se a brincar desde cedo, nas relações que os sujeitos estabelecem com os outros e com a cultura.

Como ressalta Guimarães, a brincadeira é fator de comunicação entre as crianças, no qual elas interagem de forma autônoma, dando o sentido que elas acham o melhor.

A brincadeira é também uma forma particular de comunicação, de prazer, de recreação, espaço onde as crianças podem agir por conta própria, tomar decisões, transgredir, dar novo sentido às coisas. As brincadeiras espontâneas – “faz-de-conta” – são orientadas por regras que vão sendo estabelecidas e negociadas enquanto se brinca, seguindo o rumo da fantasia, pois para exercer um determinado papel social é necessário que a criança aja de acordo com o que se espera do exercício daquele papel. GUIMARÃES (2006, p. 07)

Mas as brincadeiras de *Masha* fogem da realidade e se tornam perigosas como na cena da terceira narrativa que tem o título “um, dois, três acenda a árvore de Natal” onde o Urso coloca a menina em cima de um armário e vai organizar a árvore de Natal, mas em do armário tem uma caixa com uma espécie de foguetes a menina aciona um deles o que faz que a árvore pegasse fogo, enquanto os foguetes estouram a menina da gargalhadas.

Destacamos o perigo dos acidentes domésticos como escreve Correa e Silva

Os acidentes domésticos têm relação com a idade da criança e sua etapa de desenvolvimento psicomotor, bem como com os fatores presentes no ambiente, os quais estão relacionados ao comportamento e ao estilo de vida da família, com fatores educacionais, econômicos, sociais e culturais. (2006, p. 398)

Na mesma narrativa outra cena problemática na qual Urso e *Masha* saem em busca de uma nova árvore na floresta, a menina no meio do caminho mexe nos trilhos do trem, fazendo com que o Papai Noel sofresse um acidente com o trem. E para resolver a situação o Papai Noel com uma varinha a transforma em uma “menina boa”, até mesmo o figurino muda, nestas cenas ela usa uma roupa azul clara com um gorro diferente e uma grande trança no cabelo. Fazendo analogia de que com uma varinha mágica as travessuras da pequena menina fossem extintas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Nesse estudo procurei apontar o quanto o cinema na escola e as escolhas dos filmes podem influenciar na construção da subjetividade das crianças. Compreendemos sobre o quanto esta linguagem deve ter espaço nas instituições de ensino superior assim formando e aperfeiçoando professores que tenham habilidade, instrumentos e conhecimento acerca.

É fundamental apontar necessidade de formação inicial e continuada dos professores, para que eles possam entender que os recursos tecnológicos são uma boa ferramenta no processo de ensino e aprendizagem, porém, é importante evidenciar que as tecnologias não substituem o papel do professor, Libâneo reforça:

A formação continuada pode possibilitar a flexibilidade e as mudanças na prática docente, ajudando os professores a tomarem consciência das suas dificuldades compreendendo-as e elaborando forma de enfrentá-las. De fato não basta saber sobre as dificuldades da profissão é preciso refletir sobre elas e buscar soluções, de preferência mediante ações coletivas. (2004, p. 227)

Na nossa Universidade UFFS por sua vez não possui em seu currículo da Graduação de Licenciatura Plena em Pedagogia nenhum componente curricular obrigatório sobre o cinema, o que se tem são disciplinas optativas ofertadas.

Analisando a animação *Masha e Urso* podemos observar que se os educadores tivessem a formação adequada acerca ao cinema, não utilizariam esta animação com suas crianças. A animação traz cenas problemáticas as quais implicam nas subjetividades infantis, devendo ser observada. Outro ponto a ser destacado o distanciamento da infância narrada na animação e a infância vivida pelas nossas crianças aqui no Brasil, um grande afastamento da realidade. Trazendo novamente a importância da utilização de acervos brasileiros nas salas e aula, valorizando as produções aqui feitas.

O cinema pode interferir em diferentes contextos do espectador, diante das necessidades apontadas, julga-se necessário refletir ainda mais sobre os mecanismos de preservação e promoção da diversidade cultural no espaço escolar.

REFERENCIAS:

BRASIL, LEI Nº 13.006, DE 26 DE JUNHO DE 2014. **Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica.** Brasília,DF, jun 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm. Acessado em 18 de setembro de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

BELLONI, Maria Luiza. **A televisão como ferramenta pedagógica na formação de professores.** Educ. Pesqui. São Paulo, v 29, 2003.

BOSCHI, Eliza Veronica; ZATTI, Gabriela. **RELAÇÃO DE PODER ENTRE CRIANÇA E ADULTO NO MUNDO DA PEPPA PIG.** Chapeco 2018. Disponível em <https://rd.ufes.edu.br/bitstream/prefix/5029/1/BOSCHI.pdf>

CORDEIRO, Wericles Macedo. **A curricularização do cinema: onde está o cinema infantil brasileiro?**. Chapeco. 2021. Disponível em: <https://rd.ufes.edu.br/handle/prefix/5039>

CORREA, Ione; SILVA, Fernanda Machado. **PREVENÇÃO DE ACIDENTES DOMÉSTICOS À CRIANÇA MENOR DE 5 ANOS: PERCEPÇÃO MATERNA.** Rev. Min. Enf.;10(4):397-401, out./dez., 2006

DEUS, Adélia Meireles de; CUNHA, Djanira do Espírito Santo; MACIEL, Emanoela Moreira Lopes. **ESTUDO DE CASO NA PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO: UMA METODOLOGIA**, In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 6., 2010, Teresina. Anais..., Teresina: UFPI, 2010. Disponível em: http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_14.pdf. Acesso em: 22 nov. 2018.

DRESCHER, J. M. **Sete necessidades básicas da criança**: conhecendo os anseios da alma de meninos e meninas. Trad. Neyd Siqueira. 3. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2013

DUARTE, R. **Cinema & educação**: refletindo sobre cinema e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FRESQUET, Adriana (Org.) **Cinema e educação: a lei 13.006 Reflexões, perspectivas e propostas.** Belo Horizonte. Universo Produção. 2015.

GIROUX, Henry A. **A Disneyzação da Cultura Infantil.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antonio Flavio (Org.). Territórios Contestados – O currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis, Editora Vozes, 1995.

GUIMARÃES, Daniela . **Educação Infantil: espaços e experiências.** Rio de Janeiro: MEC- TV Escola, 2006

HÉRCULES, Laura Carvalho. **A cor na análise fílmica**: um olhar sobre o moderno cinema francês. Revista Comunicación, Nº10, Vol.1, ano 2012.

JUPPE, Nádia. **Tecnologias nas instituições de Educação Infantil: Limites e possibilidades.** 2004 117p. Dissertação de Mestrado- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. 5. ed. revista e ampliada. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

MARINO, Izabelle Lima. **A televisão no universo escolar da Educação Infantil**. 2008. 141p. Dissertação de Mestrado- Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora 2008.

Minuchin, P.; Colapinto, J. & Minuchin, S. (1999). **Trabalhando com famílias pobres**. Porto Alegre: Artes Médicas.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003

OLIVEIRA, Alessandra .M.R. **Entender o outro (...) exige mais, quando o outro é uma criança: reflexões em torno da alteridade da infância no contexto da educação infantil** (GT07). 2002, Caxambú.

REALI, Noeli Gemelli (org.) **Cinema na Universidade: possibilidades, diálogos e diferenças**. Chapecó: Argos, 2007.

ROCHA, Décio; DEUSDARA, **Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória**. ALEA VOLUME 7 NÚMERO 2 JULHO – DEZEMBRO 2005 p. 305-322

SALGADO, Golçalves Raquel; PEREIRA, Rita Marina Ribes; SOUZA, Solange Jobim. **Pela tela, pela Janela: questões teóricas e práticas sobre infância e televisão**. Cad. CEDES, Campinas v. 25, 2005.

SARTORI, Ari José; BRITTO, Neli Suzana (org.).**Gênero na educação: espaço para a diversidade**. 3 ed. Florianópolis: Genus, 2008.

SILVA, Jéssika Naiara. **Manifestações de conteúdos televisivos nas culturas infantis e interpretações das professoras no contexto pré-escolar**. 2015. 181 p. Dissertação de Mestrado- Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciência e tecnologia, Presidente Prudente, 2015.

SOLER, Simone. **“Se chover assistimos TV”: Práticas e mediações pedagógicas em relação à televisão na educação infantil**, 2015. 337 p. Dissertação de Mestrado- Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

TAFARELO, Sivia Cristina. ZAROR, Ivoneide. **Possibilidades e usos da TV enquanto ferramenta pedagógica**. Cad. Ed. Tec. Soc., Inhumas, v. 5, p. 235-244, 2014.